

ENTREVISTA



Ten Cel PM Fernanda Leonel Machado
Mestra em Educação - UFMT

Entrevistado por Sebastião Carlos Rodrigues da Silva
em 12/10/2018

RESUMO BIOGRÁFICO

Fernanda Leonel Machado, nascida e Goiânia/GO. Filha de Maria Cláudia Leonel Machado, casada, tendo como esposo Raimundo Francisco de Souza. Possui graduação pela Academia de Polícia Militar Costa Verde (2001). É especialista em Gestão de Segurança Pública pela APMCV/UNEMAT. Mestra em Educação pela Universidade Federal de MT, tendo como título de sua dissertação, "Tessitura da Individuação: como o Aluno a Oficial da Academia de Polícia Militar do Estado de Mato Grosso se torna o que é", membro do Grupo Estudos de Filosofia e Formação EFF/IE/UFMT. Atualmente é Tenente Coronel PM - Polícia Militar do Estado de Mato Grosso. Tem experiência na área de Defesa, com ênfase em Polícia Militar, tendo e seu reconhecimento a seguintes medalhas: Medalha de Tempo de Serviço(10 anos); Medalha Major Ramos de Queiroz (Dedicção ao Estudo); Medalha Mérito Homens do Mato. Considerações: A mulher tem conquistado cada vez mais seu papel na sociedade brasileira, por conseguinte, na Polícia Militar do Estado de Mato Grosso. Inicialmente, conseguiu o direito de ser Policial Militar, integrando o Quadro de Praças. Em seguida,

conseguiu galgar o Oficialato. O próximo passo foi o direito de chegar ao posto de Coronel PM e desempenhar todas as funções inerentes ao Policial Militar. É preciso reconhecer a labuta feminina para chegar onde está. Na PMMT não poderia ser diferente. A mulher policial militar tem provado sua capacidade de trabalho e sua competência. É uma atividade árdua e por demais complicada a dessas mulheres que escolhem defender a sociedade e também são mães, esposas e donas de casa. A dupla jornada de trabalho é a realidade também das mulheres militares. Desta forma, é preciso reconhecer como excelência o fato das mulheres sobressaírem nesta profissão, são as mulheres militares provando sua importância neste contexto e que competência está além do gênero.

RHM – Inicialmente o que levou a Senhor a desenvolver uma pesquisa em âmbito de pós-graduação *stricto sensu* que reportasse a individualização do aluno Oficial da Academia de Polícia do Mato Grosso?

Primeiro se faz importante corrigir uma questão recorrente quando alguém se depara com o tema da minha dissertação, trata-se do termo “individuação”, sempre confundido com “individualização”. Individualizar traz a ideia de particularizar, tornar individual, diferente de outro, distinguir em relação a algo. O conceito individuação abordado no texto encontra sua definição na filosofia de Gilbert Simondon e se desenvolve, no texto, ancorada em preceitos de Gilles Deleuze e Nietzsche. Lanço um olhar não para o indivíduo pronto, mas sobre o “tornar-se”. O ponto de partida é o princípio de individuação, passando pela operação de individuação, até a individuação. Verto o olhar sobre o processo, a constante transformação, a mudança, a individuação diz respeito à aparição de fases no ser. Este indivíduo exposto às variações do meio e frente à sua própria transformação está em processo de individuação, o que remete à constituição de si, o que na pesquisa pode ser entendido como “tornar-se o que é”, conceito nietzschiano. Não há estática ou definição do ser, mas uma fase do ser, uma profusão de intensidades e forças, transformações incessantes, potências de vida. Aqui é possível entender como algo que é comum a vários pode se tornar único, é a interação deste processo ao meio, onde as intensidades se diferenciam de acordo com a experiência de cada indivíduo, a individuação.

A par do conceito de individuação, questiono a ideia de identidade tão

valiosa à Instituição PM. O desejo por um grupo coeso, a necessidade de rigidez técnica e ideológica. Pergunto-me como isso ocorre frente ao constante processo de individuação e busco situar minha pesquisa nesse “tornar-se o que é”, policial militar e a singularidade do indivíduo. A metodologia utilizada na pesquisa é a Investigação Otobiográfica, desenvolvida pelo Professor Silas Borges Monteiro - UFMT a partir de seus estudos do filósofo argelino Jacques Derrida. Por este método encontro a oportunidade de dar voz a essa individuação do policial militar, ouço a escrita em textos produzidos em Oficinas de Transcrição realizadas com Alunos a Oficiais do 3º, 2º e 1º anos da Academia de Polícia Militar Costa Verde, no ano de 2015. Os alunos produziram textos sobre suas vivências a partir de outros textos lidos na oficina. Estes textos foram auscultados em conformidade com a metodologia, buscando as tensões e forças que os compõem, a constituição de si, o estilo de ser policial militar, o “tornar-se o que é”. Se há um resultado nesta pesquisa é a possibilidade de estabelecer que as ressonâncias dos textos produzidos dão notícias de que a tecnicidade e formalidade presente no ensino policial militar não impedem o desenvolvimento das individualidades, mas, à sua maneira produzem diversas formas de ser Oficial da Polícia Militar de Mato Grosso.

RHM - É possível desvencilhar o profissional de polícia militar com o profissional do Exército Brasileiro? Considerando as trajetórias das instituições e sua influência na formação do profissional de cada instituição?

Sobre a diversidade existente entre o profissional policial militar e o militar do Exército, penso que a diferença está na própria constituição da natureza do serviço estabelecido para cada profissional, em que pese a natureza militar de ambos. A diferença está estabelecida pela palavra “policial”, a etimologia desta palavra desvenda sua principal vocação, a de guardar e manter a ordem em determinada região ou polis. A característica militar atribuída à Polícia Militar pelo artigo 42, da Constituição de 1988, guarda diferenças substanciais quanto sua efetiva aplicação nas Instituições Estaduais e Federais. Guardadas as proporções em que o militarismo se manifesta em cada uma dessas esferas, a Policial Militar transita no meio civil com a desenvoltura de quem tem a responsabilidade pelo cuidado imediato. Neste sentido, a formação do militar estadual requer um olhar menos

beligerante, condicionado à função que irá exercer diuturnamente, não necessariamente ligada à conquista/defesa de território. É obvio que haverá diferença no militarismo desenvolvido por cada uma dessas Instituições. Esta diferença, todavia, não se aplica à legislação, que alcança igualmente os militares dos Estados e da Federação. Esta essência militar esta muito presente na formação policial militar, onde as normas e regulamentos são elevados à máxima potência com o fim de “moldar” o profissional à pratica de seu mister. É possível dizer que, na formação, os profissionais de ambas as Instituições estão sujeitos aos princípios militares em sua essência. A atuação profissional na Polícia Militar dissolve a rigidez das relações, o métier exige certa flexibilização, portanto, a hierarquia a disciplina passam a funcionar mais como instrumento de ações coordenadas que efetivo controle.

RHM - *Na PMMT podemos asseverar que houve uma busca em inovar o seu sistema de ensino, seguindo um movimento nacional que buscou uma formação ou educação mais cidadão ao profissional das instituições policiais, tudo alinhavado à garantia dos direitos dos cidadãos e não somente como preparo ao “combate ao inimigo”. Como explicar a dualidade nessa formação com o homo hierarchicus hierarchicus (Pierra Leinner)?*

A Polícia dos Estados nasceu sob o signo militar, muito ligada à defesa territorial, as chamadas Forças Públicas. Neste sentido têm íntima ligação com o Exército, herdando toda sua tradição militar. Este caráter foi reforçado durante o período de exceção, especificamente pelo Decreto-Lei nº 667/1969, que elevou as polícias ao status de “Força Reserva e Auxiliar do Exército”. A Constituição Cidadã nos legou a “polícia ostensiva e a preservação da ordem pública”, mantendo o caráter militar da Instituição. Este ponto é muito importante para o entendimento da importância deste “status quo militar”, o Estado Brasileiro manifestadamente decidiu sobre a necessidade de manter uma polícia militarizada. É com base nas pesquisas realizadas que afirmo o fato de que, ao Estado, não interessa uma polícia não militar. A condução de tropas, o controle de efetivo, a disponibilidade para o trabalho, ou seja, a tradição militar da Instituição é o grande diferencial na prestação do serviço oferecido pela Polícia Militar. A roupagem “mais cidadã” não lhe diminuiu a

tradição, entendo que apenas lhe conferiu o status necessário ao momento, pois manteve arraigados traços fortíssimos de suas origens históricas, mantendo vigentes leis e normas redigidas à época. A formação policial militar sofreu modernização quanto à premissa da garantia dos direitos e garantias individuais do cidadão, buscase desenvolver o senso de dever de proteção social, não combatemos o inimigo, agimos para preservar a ordem. Neste cenário está inserido o homo hierarchicus hierarchicus, descrição feita pelo antropólogo Piero Camargo Leinner para designar a hierarquia como fato social. Aqui o autor se questiona sobre como se definir quem é e quem não é militar. Encontra como precedente, além da inequívoca aparência, definida a partir do traje, cabelo, gestos e postura, o pertencimento a uma força pública militar. Esta força tem na hierarquia e na disciplina seus princípios norteadores, portanto o militar - homo hierarchicus hierarchicus - por natureza está situado na estamental divisão hierárquica de sua Instituição. Todavia, há um requisito maior para assim o definir: o fator social. Esta na maneira como se percebe e se é percebido socialmente, uma identidade contrastiva: nós militares e os “outros” não militares, os paisanos. Eis o ponto que o situa. Portanto, o homo hierarchicus hierarchicus, em se tratando de Polícia Militar, deve ser a nota perfeita entre a preservação da ordem pública e a garantia dos direitos individuais, através do exercício da força legítima.

RHM - Qual a principal contribuição que sua pesquisa científica e acadêmica traz para a tríade instituição policial - universidade - sociedade, e quais implicações, a priori, relevantes traz para o processo formativo profissional da PMMT?

Observando a rotina militar da formação policial sempre me questionei sobre a possibilidade de enxergar nomes e singularidades em um ambiente onde se busca identidades, ou seja, onde se espera uniformização e extirpação de estilos. É um texto fabricado em primeira pessoa, que busca na filosofia da diferença a discussão sobre a programação em massa de nossos policiais militares. É também uma provocação ao método clássico de pesquisa, onde se busca metrificar e quantificar resultados. Há apenas a abertura para perspectivas, possibilidades de engendramentos, busca a possibilidade de construção de caminhos metodológicos singulares. Em nenhum

momento estive a procura de uma verdade ou garantia. Foi muito importante romper com a tradição metodológica, trazendo para os estudos policiais militares a prática de leitura de textos buscando inspiração para o desenvolvimento crítico de outros textos, a transcrição artística em ambiente militar. Não foi surpresa os textos cheios de vida e potência descrevendo a rotina acadêmica, a busca do “tornar-se” Oficial PM. Isso demonstra que, mesmo em ambiente onde se busca o controle e formalidade, há espaço para a individualidade. Que a diferença persiste e se exprime em cada estilo desenvolvido na formação policial e isto não é passível de métricas ou dosagens. É, antes de mais, nada o fruir da individuação. Se existe uma certeza no texto, o que não é sua pretensão, é que o processo formativo PM escapa à individuação. Não há uniformidades, senão sua rasa aparência, o que não inviabiliza o estilo militar de formação. A absorção da hierarquia como fato social, possibilita ao Oficial PM direcionamentos importantes no exercício profissional.

RHM - Deixo um espaço para o Senhor fazer qualquer outra manifestação sobre parte do seu trabalho acadêmico que ficou esquecido nas perguntas lhes dirigidas?

De maneira geral, o ensino policial militar não é questionado na produção textual dos cadetes durante a pesquisa. Os participantes da pesquisa entendem a estrutura militar da polícia e assimilam esta característica de forma positiva ou até indiferente. O que está em questão nos textos são as relações travadas neste ambiente. Falam de tensões, dão notícia de que a prática é diversa da teoria.

O militarismo pode ser entendido como uma “ferramenta” importante para a construção do profissional que irá lidar com segurança pública. Foi demonstrado que esta característica decorre de lei e busca a padronização de ações, ditando regramentos no intuito de especificar e delimitar um campo que é demasiado abrangente.

Estes regramentos não podem ser utilizados como ferramenta única de coerção, não evidenciando seu princípio primeiro de padronização de ações profissionais. A coerção é inerente a própria força da lei, quando ela assume o protagonismo da ação, é preciso pensar. Há deformação quando se utiliza a lei para justificar uma ação pessoal. As relações na Academia de Polícia Militar decorrem de

lei. Os regulamentos militares ditam as ações entre superiores e subordinados, estas sempre baseadas na camaradagem e no espírito de união. Estes princípios devem ser os norteadores das relações. A lei não pode ser subvertida sob o argumento de sua própria aplicação. A percepção desta afirmação é uma grande conquista deste trabalho.

Não se teme a formação militar, ela é inerente à própria profissão e entendida como extremamente necessária. O elemento individual presente na própria condução formativa precisa ser modulado, com a finalidade de preservar as relações sadias e o conhecimento.

Colocando-me à margem aposto na desconstrução como possibilidade de enxergar esse complexo modelo de relações – o militar. Gesto implosivo de expandir aos limites da própria Instituição (o foco é interno), não se busca a destruição, mas aberturas de fendas necessárias que provocam uma nova maneira de pensar.

RHM - *Senhora entrevistada, gostaríamos de registrar suas considerações finais.*

A busca do tornar-se não se restringe a um fim, o indivíduo pronto. Prefiro me referir ao inacabamento, tornar-se é movimento, desejo, multiplicidade. Não me serve, então, apenas definir quem é o Aluno a Oficial da Academia de Polícia Militar Costa Verde, antes desejo saber das forças que movem seus instintos, o que quer esta vida vivida? A formação policial militar carrega a especificidade, multiplicidades de instintos, estilos de individuação. Antes de a Instituição admitir uma uniformidade (identidade), precisa voltar os olhos para a multiplicidade, vendo que a formação não (re)produz cópias, mas diversas maneiras de ser Oficial da Polícia Militar de Mato Grosso.

RHM - *Muito obrigado pela entrevista!*